

Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas

Vol. 12



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA



Equipe Editorial

Abas Rezaey	Izabel Ferreira de Miranda
Ana Maria Brandão	Leides Barroso Azevedo Moura
Fernado Ribeiro Bessa	Luiz Fernando Bessa
Filipe Lins dos Santos	Manuel Carlos Silva
Flor de María Sánchez Aguirre	Renísia Cristina Garcia Filice
Isabel Menacho Vargas	Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E82 Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas - volume 12. / Filipe Lins dos Santos.
(Editor) – João Pessoa: Periodicojs editora, 2025.

E-book: il. color.

E-book, no formato ePub e PDF.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-6010-140-1

1. Estudos interdisciplinares. 2. Ciências Humanas. I. Santos, Filipe Lins dos. II.
Título

CDD 001.3072

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências Humanas: pesquisa 001.3072

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs

Capítulo 17

**CAROLINA MARIA DE JESUS E SUA OBRA “QUARTO
DE DESPEJO” EM ASCESÃO NA LITERATURA
BRASILEIRA FEMININA**



CAROLINA MARIA DE JESUS E SUA OBRA “QUARTO DE DESPEJO” EM ASCESÃO NA LITERATURA BRASILEIRA FEMININA

CAROLINA MARIA DE JESUS AND HER WORK “QUARTO DE DESPEJO” ARE ON THE RISE IN BRAZILIAN WOMEN'S LITERATURE

Mirian Cardoso Ramos¹

Resumo: Essa pesquisa tem como meta analisar a legitimidade e a credibilidade nos textos discursivos expressos na trajetória de Carolina Maria de Jesus e a ascensão dela no processo da Literatura Brasileira. Como arcabouço teórico, os conceitos de CHARAUDEAU (2007), sobre os direitos de comunicação, CHIMAMANDA (2012) sobre o discurso moderno sobre feminismo e ELÓDIA (1995). Para resumir, a análise mostrou em geral como as mulheres tiveram em contextos diferentes na literatura.

Palavras – Chave: Feminismo – Legitimidade – Discurso - Credibilidade

Abstract: This research aims to analyse legitimacy and credibility in discursive texts expressed in Carolina Maria de Jesus journey and her ascension process in Brazilian Literature. As theoretical Framework, The concepts of CHARAUDEAU (2007) on communications rights, CHIMAMANDA (2012) on modern discourse about feminism and ELÓDIA (1995). To Summarize, the analysis showed in general how the woman had in different contexts in the literature.

Keyword: Feminism – Legitimacy – Discourse – Credibility

1 Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglês pela Faculdade Integrada Campo - Grandenses (FIC)



INTRODUÇÃO

Ao falarmos de literaturas, entende-se que por si só ela nos dá o direito de exposição de uma comunicação com uso de fatos imaginários e reais, sugerindo uma abertura para o aparecimento do novo na literatura brasileira, que se iniciou se espelhando na europeia, podemos considerar umas das bases socioculturais de apresentação da literatura: O uso de obras com objetivo de comunicação mundial; no capítulo 2 conduzi uma pesquisa da obra “Quarto de despejo: Diário de uma favelada (1995) de Carolina Maria de Jesus, o corpus deste referente artigo, com observações sobre a sua ascensão na literatura e sua relação com pesquisas contemporâneas e as possibilidades de uma grandiosa evolução literária, esta obra que foi traduzida em 13 países, tornando se possível sua disseminação mundial e que na contemporaneidade tende a se elevar como uma referência sendo assim a “perola” deste artigo.

Ao deparar com o corpus desta referente pesquisa, pude fazer uma introspectiva das condicionalidades literária brasileira em relação a sua construção até a contemporaneidade; A literatura brasileira é feita de contribuições de outras tantas, por vez se firma em estacas literárias, portuguesa e histórica e procede em inclinar –se em reformas propostas por novos (as)escritores(as),Candido (1918), assim é formado o tecido que constitui este artigo visando respostas para as ideologias desta transformação literária; mas para isso designei-a o “corpus”, “Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus (1995), autora esta que chama a atenção por sua epopeia diaspórica em busca do direito de comunicação e por sua disposição de encarar os percalços da vida em busca do direito a palavra, credibilidade e legitimidade e que veio de repente parar em minhas mãos como um presente divino, com seu diferencial literário sendo este uma auto representação de uma mulher, negra, de descendência diaspórica e pobre. Retratarei neste capítulo a fase que “Carolina” instalando-se na favela do Canidé em São Paulo no seu ‘habitat’’: “Quarto de despejo”, passou a viver a margens da sociedade de sua época como catadora de papel.

Sendo assim, neste capítulo 3 Poderemos especificar as condicionalidades apresentadas na



auto representação de “Carolina” e suas representatividades do “corpo” de modo que pudesse referi-las diante das possibilidades apresentadas na obra: “Que corpo é esse? No imaginário, de Elódia Formiga Xavier (2007), este capítulo traz à tona as condições a qual “Carolina” se via presa em amarras das condicionalidades, sendo elas diversas, seja em seu antepassado diaspórico, no contexto histórico, nas injustiças sociais e no contexto literário.

E no capítulo 4 por vez temos “A casa na ficção de autoria feminina (2012) de Elódia Formiga Xavier que nesta pesquisa interage com a obra que com sua contribuição de representações da “casa” enriquece essa pesquisa, no seu imaginário “Carolina sonhava com um “castelo” e na sua realidade estava em seu “habitat”, a favela do Canidé, o “Quarto de despejo”.

Por vez no capítulo 5 a contextualização da obra: “Quarto de despejo: Diário de uma favelada” com retratações na obra “Tudo no feminino: A mulher na narrativa brasileira contemporânea”, com as possibilidades literárias dos nossos dias, condicionando se os fatos de que “Carolina” viveu representações apresentadas nesta obra de teoria que faz parte desta pesquisa, a interação em questão da escrita feminina da contemporaneidade apegando se na introspecção crítica de postura ideológica que tendem se tradicionalizar no decorrer dos anos, neste capítulo veremos estas questões.

No capítulo 6 Entrelaçaremos as facetas do corpus “Quarto de despejo: Diário de uma favelada.” De Carolina Maria de Jesus (1995), diante das considerações contemporâneas do discurso de Chimamanda Ngozi Adichie na obra: “Sejamos todos feministas (2015)”, percebe-se uma leitura inconsciente das propostas de justiça social, da questão do passado mais difícil para as mulheres e do foco valorizado na força diaspórica de “Carolina” e “Chimamanda”, o leitor começa a se conscientizar no momento que percebermos que elas também chegaram a se sentirem invisíveis por vez “Chimamanda” em suas experiências pessoais e “Carolina” na carreira literária; Por causa da busca da auto realização e que ao acreditarem na igualdade racial e social puderam usar suas obras literárias para contarem a trajetória de suas próprias histórias fazendo que percebêssemos as questões literárias das duas obras e observássemos o “TODOS” de “Sejamos todos feminista” para que depois da leitura deste artigo sejamos “TODOS” um pouco mais conscientes; tanto quanto “Carolina e Chimamanda”; só temos



a ganhar e enriquecer nossas idéias críticas em relação as injustiças e parâmetros sociais, com a retrospectiva de um passado e as interações da contemporaneidade analisaremos alguns fatos e suas condicionalidades e as dificuldades enfrentadas Por essas duas mulheres.

A EPOPÉIA DIASPÓRICA DE: “CAROLINA MARIA DE JESUS”NA CONQUISTA DO DIREITO DE COMUNICAÇÃO ,CREDIBILIDADE E LEGITIMIDADE.

Como visto a literatura brasileira é na verdade uma miscigenação de povos e linguagens gerada da mistura das raças diaspóricas ;A mulher negra conquistou o direito de se comunicar através da literatura seja fictícia/real, implícita/explicita, usando suas identidade ou não, percebe-se que em sua obra “Quarto de despejo” Carolina se auto representa, mas sim, suas ideias com brilhantismo e fazendo uso de suas ferramentas como a credibilidade e legitimidade para alcançar seus objetivos e ainda sendo provedora de linguagem com peso específicos seja ela familiar, popular, comum, cuidada e culta; Segundo Fernandez (2015), Por vez Carolina Maria de Jesus e Bispo de Rosário tinham sua poética de sucatas na construção da identidade artística com pontos cruciais em suma por suas raízes diaspóricas e marginalizados pela modernização brasileira e os pontos de confluências do tradicional ao moderno:

Fernandez (p.222, 2015)

“[...]A escritora Carolina Maria de Jesus ,Também descendente de ex escravos ,favelada e catadora de lixo teve, assim, como Bispo do Rosário certo reconhecimento em vida com publicação de seu best seller “Quarto de despejo”(1960).Sua trajetória e seu processo criativo em muito se assemelha com Bispo do Rosário[...]”.

Antes as mulheres eram um objeto para conquista de um objetivo (ficcional), hoje elas são objetivas para a conquista de um objeto (real);o mercado social exige a conquista do direito à palavra ,na literatura tem sido como uma mudança da linguagem passiva(antes homens escreviam sobre as



mulheres seja elas ficcional ou real), para a ativa de maneira que o discurso se atualizou implantando o “novo” da auto representação feminina na literatura. ;A decisão de “Carolina” de ocupar a auto representação literária feminina faz com que possamos olhar para o real que direciona mulheres a conquista dignidade e direito a palavra no cenário social. Por mais que a obra “Quarto do despejo” esteja em ascensão a credibilidade precisa ser mantida para o uso de legitimidade que logicamente produz uma “misse scene” real que por critério possui os 4 (quatro)tipos da atividade da linguagem que são: informar ,persuadir, seduzir e incitar.

A obra “Quarto de despejo” possui uma modificação na representação literária de maneira que réplica não é tão frequente ;sempre há uma informação que podemos considerar um “furo”, inteirado nas vivencias reais de “Carolina” ,criando assim um elo de credibilidade dos leitores contemporâneos que passam a crer e participar dos fatos apresentados trazendo para si reflexões ,opiniões e verificação da existência da narrativa que se contrapõe com a ficção por razões de racionalidade humana. Charaudeau (2007)

“[...]A escritora “Carolina Maria de Jesus nascida na cidade de sacramento no sudoeste de Minas Gerais ,descendente de uma família de ex - escravos oriundos da África central, isto é, vinda de uma linhagem “diaspórica”; nascida junto a um povo de tradição oral que na maioria não sabia ler ,mas nas praças sempre tinha alguém que lia para quem quisesse ouvir. Carolina por sua vez conquistou sua maneira de pensar critico através das observações em relatos lidos em praça pública ;tendo aprendido a ler sozinha ,estudou por dois anos em um escola destacada o Colégio Espirita Alan Kardek. (O GLOBO/Segundo caderno,sábado,11-03-2017).

Pela proposta de Fernandes(2015) em seu artigo a pouca escolaridade de ambos não os impede de imprimir suas singularidades criativas no campo das artes, pelo contrário a oralidade ,a literalidade e os modos de vida transpostos para plasticidade trouxeram inovações e provocaram frestas nos cânones ao trazer a vós dos oprimidos que inventaram suas próprias representações; diante desta especificação temos por critério persuadir o leitor a entender o contexto em que a obra



foi lançada e na contemporaneidade apontando em que meios ela se encontra em ascensão; Segundo o jornal eletrônico G1 de Campinas e região a obra :”Quarto de despejo” tem por critério o objetivo de se tornar obrigatório em duas universidades valorizando a inclusão e provocando reflexões:

‘[...]O livro “quarto de despejo: Diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus está entre as novidades dos próximos vestibulares da universidade federal do rio grande do sul (UFRGS) e da Universidade Estadual de Campina (UNICAMP) no ano que a morte da escritora completa 40 anos. (G1,07/05/2017).

A identificação do leitor(as) com o(a)escritores(as) com narrativas como de “Carolina” interfere no emocional e na euforia seduzindo-o a não se esquecer que em seu cotidiano já possa ter vivenciado fatos iguais ou diferente dos relatos, criando assim a aproximação do outro (escritor/leitor) dando ênfase a legitimidade; A aproximação do auto reconhecimento quanto a realidade do escritor é a verossimilhança e quando é diferenciado acaba por dar credibilidade por estar sendo informado de algo novo, mas quando o leitor se identifica com os fatos apaga-se as ilusões do ficcional direcionando –o para o real da auto representação:

“[...]Mas Carolina era uma autora proficua lia e produzia literaturas todos os dias .Escrevia de forma interrupta com sua letra de forma ;quase nunca rasureava seus textos .Teve quatro livros publicados em vida (dois diários entre eles “Quarto de despejo”, um romance e um livro de provérbios)e três pós-tumos (um de memórias ,um de poesia e outro diário ,um copilado de vários períodos)e muitos de seus textos ainda permanecem inéditos[...]”. Penteadó (p.20, 2016).

Por vez ,esses fatos relatados por Penteadó (2016) são retratações que só afirmam as condicionalidades da luta de “Carolina” em busca de seu direito de comunicar, direito a palavra no cenário social, e de exercer legitimidade com a conquista credibilidade com sua auto representação. Charaudeau (2007)



“QUE CORPO É ESSE?” NA AUTOREPRESENTAÇÃO DE QUARTO DE DESPEJO.

“Carolina” tinha tudo para que de algum modo continuasse vivendo a margens da sociedade impregnada na condicionalidades apresentadas na obra “Que corpo é esse ? No Imaginário”, em sua vida por longos tempos viveu em uma sociedade de maneira “invisível” por ser favelada e estar no quarto de despejo, ao ponto de ser rejeitada pela sociedade e obrigada a viver entrelaçada no desenrolar do choque das raças de maneira que se tornara “subalterna” da fome e da miséria; retrato aqui a questão de Spivak apresentada por Luciana Paiva Coronel em seu artigo “A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus”, Coronel (2014)

[...] As considerações da estudiosa indiana no trabalho intitulado :”Pode o subalterno falar? São de absoluta pertinência dentro da discursão sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus diz Spivak “Se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero[...].O subalterno não tem história e não pode falar ,o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” Spivak (p.14-15, 2010).

Constantemente “Carolina se posicionava na obrigação de cumprir uma rotina acelerada em busca de sustento para si e seus três filhos mesmo que “imobilizada” pela pobreza e impotente para mudar os fatos se sentindo predestinada a morrer de fome e “envelhecida” pelo desgaste dos esforços incessantes e diários; Por noites e noites sem dormir, escravizada pela fome empurrada para a margem da sociedade pelo descaso social e sendo motivo de escárnio por seus patriotas por gostar de livros, de escrever e ler, ao ponto de apresentar-se violenta em legítima defesa, sua “degradação” era inevitável; essas condicionalidades apresentada pela obra: “Que corpo é esse ? No imaginário”, de Elódia Formiga Xavier (2007) entrelaçadas as formalidades da vida dura de “Carolina Maria de Jesus” apresentadas na obra: “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”(1960) nos direciona á



observações no âmbito de sua luta para se implantar na Literatura brasileira.

Em meio estas condicionalidades formais “Carolina” arrumava forças seja elas físicas ou mentais para escrever incessantemente, dia após dias suas vivências em seu diário, produzido em restos de papéis e cadernos achados no lixo, em torno da favela do Canidê; Segundo Gilmar Penteado em seu artigo à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS):

Penteado (p.20, 2007)

“[...]Carolina permanece desconhecida pela maioria do público leitor atual e os que a conhecem são geralmente pessoas ligadas de alguma forma ao ensino e a pesquisa de literatura brasileira (...) Por isso sua obra confunde e exige que o crítico saia de sua zona de conforto . Se Carolina não serve para o cânone o cânone não serve para Carolina. Não é de um guardião de escritores e obras cultas que vai sair a explicação para a complexidade da narrativa de uma catadora de papel que desafiou as normas sociais.”

“QUARTO DE DESPEJO” DIANTE DA OBRA : “A CASA NA FICÇÃO DE AUTORIA FEMININA”.

A auto representação de Carolina também retrata as suas condições precárias de moradia diante de uma sociedade totalmente mergulhada na desigualdade, o que Carolina possuía era um barraco de madeira que ela usava para abrigar seus filhos em sua “infância”, imaginando uma casa “fortaleza” e “acolhedora” o “lar” dos sonhos; mas por vez tinha que se virar com o que estava ao seu alcance ;quase nada, em seu habitat ,os ratos roíam seus livros ,uma espécie de “relicário”, ameaçavam a saúde dela e dos seus, numa casa que por sua vez não era suficiente para “proteção” das maldades “alheia”; viviam “exilados” na miséria que os cercavam e pelo descaso social e político de sua época (1950/1960),ali ela passava por situações “revivida” dia após dia diante de seus temores e dificuldades a esperar de uma mudança radical em seu estado “deteriorado”.(Xavier,2012);ao organizarmos as ideias que temos, consideremos uma nova representação:Uma “casa literária”;“Carolina” estava longe



de habitar em um ‘Castelo literário’:

Jesus (p.60-61, 2007)

“[...]Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhante. Que as minhas vistas circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades.[...]Eu preciso criar este ambiente de fantasia para esquecer que estou na favela.[...]As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.

Específico por questões imaginárias e reais que “Carolina” estava inserida num “habitat literário” subalterno às literaturas diversas inseridas na construção da literatura brasileira (Candido,1918); Há um pouco de culpa do nosso universo literário nas condicionalidades de “Carolina” em sua escrita; Nossa literatura em constante evolução ainda sim lhe faltava voz própria e relatos de auto representação criaria novas possibilidades; a literatura dos séculos anteriores à “Carolina” podemos imaginar que seja como um lavrar do campo na colheita, o cânone é a casa limpa; os literários que para pôr “tudo” no lugar usam de suas críticas para faxinar a casa literária(A academia brasileira de letras) ,fazendo valer o direito da ocupação de suas cadeiras para que fique “tudo” no seu devido lugar ; A mesa posta é a literatura (Xavier, p.23, 2012) ao apresentar versos de Manoel Bandeira; retrato então que: Se na colheita o joio vem misturado com o trigo, e para chegar á mesa muitas transformações tem que acontecer, então, para que a mesa literária esteja posta; As possibilidades de manifestações literárias sempre serão reais ,por vez, podemos assim considerar a obra: “Quarto de despejo :Diário de uma favelada” uma “manifestação literária”

“[...]Mesmo composto dessa miscelânea de interesses, “Quarto de despejo” foi divulgado por muito tempo como obra essencialmente de protesto, cuja a maior virtude estaria na forte denúncia social que formulava. A conjuntura de politização crescente do inicio dos anos 60 favorecia esse enquadramento[...].” (Paiva, p.274-275, 2014).



Que por sua forma expressiva propõe a voz dos excluídos; considerando que para compor seu acervo literário “Carolina” possuía um “tudo” :Seus cadernos achados no lixo da cidade de São Paulo; Que ela usava para abrigar suas esperanças ,suas histórias de infância na cidade de Sacramento em Minas Gerais ,imaginando poder usar seus descritos para ganhar dinheiro para adquirir uma casa de alvenaria e “acolher” seus filhos, livros e cadernos, sua maior relíquia, que se deterioravam sem ela poder fazer nada; Por vez Carolina Retratava: “Eu classifico São Paulo assim. O palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”; Mas a sua luta era real podendo assim retrata-la com a representação da crença de Socrates:“Conhece-te a ti mesmo”; sei que para que Carolina se posicionasse com esta postura ela conhecia a si mesma; e se sentia segura de falar do que sabia, como retratado por Charaudeau (2007) quando escreve sobre o direito de comunicação ,o direito do saber, credibilidade e legitimidade; e também podermos referi-la na reinteiração de Descartes de que: “ Penso, logo existo”. Carolina por fim a represento como uma joia rara que só o tempo pode lapidar, a concretização do tempo necessário tem se encurtado com as propostas universitárias da atualidade, percebo que está na hora de servir a mesa.

“QUARTO DE DESPEJO” DIANTE DA OBRA “TUDO NO FEMININO :A MULHER NA NARRATIVA CONTEMPORANÊA BRASILEIRA”.

As propostas literárias de Carolina contradiz os literários de sua época, de maneira que ela viveu na penúria por muitos anos e com suas tentativas frustradas de conseguir publicar sua obra; as perguntas constantes pelos seus patriotas era sobre o que ela escrevia ,e ela não cogitava em dizer que era sobre os favelados tratados como projetos de gente humana(p.20);Por vez aconselharam para que ela escrevesse e desse para um crítico fazer revisão; e assim ela fez:

Jesus (pág.135, 1995).

“[...]16 de janeiro...Fui no correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos .(...)Cheguei na favela .Triste como se tivesse mutilado os meus



membros. O The Reader digest devolvia os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra[...]"

Segundo Elódia Formiga Xavier(1991) retrata que a bibliografia estrangeira sobre o assunto apresenta posições divergentes e as variações terminológicas tornam as coisas ainda mais complicadas; e que a situação social e histórica é também levada em conta ,numa postura ideológica antifalocrática ,como aliás são quase todos os trabalhos publicados nos Estados unidos e que até mesmo há cursos para formação de uma crítica voltada para a produção da mulher com base numa teoria literária feminista (a feminist literary theory) (p.14) a obra: “Tudo no feminino: A mulher na narrativa brasileira contemporânea” aguça as condicionalidades de “Carolina no corpus deste referente artigo: ”Quarto de despejo :Diário de uma favelada.” Com o seu referencial crítico ,podemos assim então referir nos a Carolina com a representatividade de Gilmar Penteado em sua tese de doutorado á Universidade (UFGRS), “A arvore de Carolina”: com a retratação do historiador brasileiro José Carlos Sebe Bom Meihy e o brasilianista norte-americano Robert Levine autores de: “Cinderela negra :A saga de Carolina Maria de Jesus (1994),escritora vinda de favela foi repudiada posteriormente por militantes da esquerda justamente por não se submeter a esse perfil de heroína. Como confere Gilmar Penteado: Por um momento Bosi parece ter razão quando diz que “Carolina” é um tanto difícil de repeti- se.

Considerando o tempo que Carolina viveu as margens da sociedade no seu quarto de despejo, diante dessa representatividade de “cinderela” a saga de Carolina está começando a desenrolar:

Xavier (pág:16, 2012).

“[...]Com as narrativas contemporâneas, o conflito ,agora patente, é agudizado por uma consciência informada pelas teorias científicas mais recentes .As personagens femininas vivem conflitos interiores que as tornam seres Divididos ,pulverizados diante dos mais variados papéis sociais a serem vividos. A presença constante do espelho nessas narrativas revela a busca de identidade , motivo temático ,característico de momentos de mudanças das estruturas sociais. Ultra passando encruzilhadas ,encontrados os caminhos ,a narrativa de autoria feminina buscará outros temas ,outras linguagens como forma de



expressão.

Segundo Elódia (1991); “A literatura tem retratado mulheres emblemáticas ,modelos de todas as épocas ,e principalmente a Literatura Feminina(Aquela que é escrita por mulheres sobre mulheres) tem sido porta voz de reivindicações de todo tipo. Depois de Virginia Woolf e de Simone Beauvoir e de seus depoimentos sobre a ficção feminina que revolucionaram velhos conceitos ,e de suas teorias sobre a própria natureza da mulher, que fazem surgir novos questionamentos atraentes e curiosos, muita coisa há que se discutir .Uma delas é o múltiplo perfil da mulher da Modernidade”.

ANALISE DE “QUARTO DE DESPEJO” CONSIDERANDO O DISCURSO DE CHIMAMANDA NAGOZI ADICHIE.

As questões sociais em uma sociedade com parâmetros masculinos de maneira que para se desprenderem das amarras iniciaram uma epopeia diaspórica ,com barreiras gigantescas para serem ultrapassadas, observaremos que “Carolina”, pobre, negra e almejanete de uma abertura na história literária para se lançar numa jornada de mudanças cruciais em sua vida e para a literatura com sua obra: “Quarto de despejo”(1960) e suas ideologias em épocas tão distintas em lugares tão distantes uma da outra, Chimamanda (2015) relata que comete o erro de achar que o que é óbvio para ela , também é óbvio para todo mundo e que ao conversar com seu amigo Louis que é um homem brilhante e progressista ,e ele lhe disse: :”Não entendo quando você diz que as coisas são diferentes e mais difíceis para as mulheres. Talvez fosse verdade no passado, mas não é mais”.

[...] Existe mais mulheres do que homens no mundo -52% da população mundial é feminina-, mas os cargos de poder e prestígios são ocupados pelos homens. A já falecida queniana Wangari Maathai, ganhadora do prêmio Nobel da Paz, se expressou muito bem em poucas palavras quando disse que quanto mais perto do topo chegamos menos mulheres encontramos. Adichie (pág.20, 2015).



Parto de um pressuposto de que Carolina almejava alcançar as bases literárias pelo desenrolar da narrativa assim como Chimamanda em suas obras:

“[...] Passei o resto da tarde toda escrevendo. As quatro e meia o senhor Heitor ligou a luz. Dei banho nas crianças e preparei para sair fui catar papel. mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.” Jesus (pág.22, 1991).

A questão da leitura e a escrita de Carolina era o degrau diário de sua ascensão, no seus escritos em 23 de julho de 1955 “Carolina” descreve seu gosto pelas novelas de rádio, e a escrita de seu diário quando em cena entra seu João José e quis saber o que ela escrevia respondeu ela: o meu diário e sem pretextos ele retrucou :Nunca vi uma preta gostar de ler, enquanto Chimamanda retrata sua indignação:

“[...]Sempre que vou acompanhada a um restaurante nigeriano, o garçom cumprimenta o homem e me ignora. Os garçons são produtos de uma sociedade onde se aprende que os homens são mais importantes que as mulheres ,e sei que eles não fazem por mal – mas há um abismo entre entender uma coisa racionalmente ou emocionalmente. Toda vez que eles me ignora meu me sinto invisível .Fico chateada Quero dizer a eles que sou tão humana quanto um homem, e digna de ser cumprimentada” Adichie (pág.23, 2015).

Chimamanda declara que nos dias atuais a força física não é mais o atributo principal para a liderança e que hoje vivemos num mundo completamente diferente . e que a pessoa mais qualificadas para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte sendo assim a mais inteligente ,a mais culta(Chimamanda) a mais criativa, a mais inovadora(Carolina) e é por essas frestas no cânone literário que Carolina e Chimamanda se lançam na literatura mundial de “corpo e alma”, para Carolina



o tempo de suas sementes brotarem foi no regar de todos os dias de sua semente a obra: “Quarto de despejo”, o lançamento de sua obra foi o brotar e desenvolver da árvore, e passar dos anos até os nossos dias tem sido o prazo final para seus frutos germinarem e quem colhe somos nós.

“Salve Carolina!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tão grande credibilidade que a autora conquistou nos meios literários que a UFMG recebeu em 3 de novembro de 2014 em seu acervo trinta e sete cadernos em formato de 9 rolos de microfilmes contendo boa parte, inéditas de obras dela que foram doados ao acervo de escritores mineiros (AEM) da UFMG, a USP conclui essa doação pelos seus representantes.

Só existem outras duas cópias uma no Rio de Janeiro e outra nos Estados Unidos; Os de Minas Gerais torna se parte da homenagem direcionada ao centenário que Carolina completaria em 2014, sabemos bem que Sacramento é sua terra natal.

As declarações da diretora de ação cultural Ieda Maria Martins: Eles vêm para um lugar que sempre foi de “Carolina”, e afirma na página virtual da UFMG (Universidades Federal de Minas Gerais) que na faculdade de Letras de Minas Gerais foi defendida a primeira tese de doutorado sobre a obra da autora contudo a UFMG foi a pioneira na adoção em seu vestibular do livro quarto de despejo ,o mais conhecido de Carolina Maria de Jesus .Em 2014 a UFMG realizou encontros de mesa redonda com temas de Carolina Maria de Jesus promovida pelo centro de Estudos Literários e Culturas (CELC)Interdisciplinares e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Alteridade (NEIA).

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejam todos feministas. Companhia das Letras,2015.

CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria



de Jesus. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n44/a13n44.pdf> . Atualizado em Dezembro de 2014. Acesso em Maio de 2017.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Carolina Maria de Jesus e Arthur Bispo do Rosário: uma poética de sucatas na construção da identidade Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-40185015>. Atualizado em Abril de 2017. Acesso em Maio de 2017.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: Diário de uma favelada, São Paulo: Editora Ática,1995.

LUCENA, Bruna Paiva de. Novas dicções no campo literário brasileiro: Patativa do Assaré e Carolina Maria de Jesus. Disponível em : <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/1708/1327>. Atualizado em 2009. Acesso em Maio de 2017.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. As subjetividades (de)formadoras e (trans)formadoras de Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2183>. Atualizado em Junho de 2003. Acesso em Maio de 2017.

PENTEADO, Gilmar. A árvore Carolina Maria de Jesus: Uma literatura vista de longe. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018492>. Atualizado em Março de 2016. Acesso em Maio de 2017.

SILVA, Ana Santiago da. Memórias e (Re) invenções de Identidades na Literatura Afro-feminina. Acesso em : http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/078/ANA_SILVA.pdf. Atualizado em: Julho de 2008. Acesso em Maio de 2017.

XAVIER, Elódia Carvalho de Formiga. Que corpo é esse? No imaginário. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2007.

XAVIER, Elódia Carvalho de Formiga. A casa na ficção de Autoria Feminina. Florianópolis: Mulheres, 2012.

XAVIER, Elódia Carvalho de Formiga. Tudo no feminino: A mulher na narrativa brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves,1991.



